

CÓLERA EM SUA VERSÃO EPIDÊMICA

ANDRÉA EULÁLIO

Psicóloga, mestre em Psicologia (FAFICH/UFMG) e membro da EBP e da AMP

andrea.eulalio@hotmail.com

Resumo: A partir do curta-metragem intitulado *Cólera*, procuro investigar a pertinência desse afeto nas manifestações do mal-estar vigente no campo social e na perspectiva clínica, além da distinção entre a cólera e os outros afetos.

Palavras-chave: cólera, afeto, irrupção, corpo, significante.

Abstract: From the short film entitled *Cholera*, I try to investigate the pertinence of this affection in the manifestations of the current malaise in the social field and in the clinical perspective, besides the distinction between cholera and other affections.

Keywords: cholera, affection, irruption, body, significant.

Cólera em sua versão epidêmica

Andréa Eulálio

Cólera (2013), curta-metragem do diretor espanhol Aritz Moreno, revela de forma cruel como a população de uma pequena vila se dispõe a erradicar o mal que ameaça contaminar todos aqueles que vivem naquela comunidade. Armados com paus, pedras e espingardas, os habitantes se dirigem a um pequeno casebre que se encontra isolado no ponto extremo de um campo. Lá se encontra o objeto hostilizado pela população, alguém que, segundo eles, já teria causado "problemas demais". "Finalmente uma vila limpa!" é bradado pelo líder da comunidade após o linchamento daquele que propaga o mal, ato esse que não será sem consequências.

Nesse sentido, o filme nos revela um duplo contágio ao colocar as duas cóleras frente a frente, num duelo entre a vida e a morte: homofonicamente, a cólera representa o afeto em si, em sua versão epidêmica que mobiliza a população em direção ao linchamento; e o retorno desse ato como doença infecciosa grave, que poderá contaminar toda a população.

A escolha desse curta me permitiu pensar que o significante cólera, como metáfora do contagioso, epidêmico e viral que se exprime por colocar a justiça e a legitimidade ao seu lado, incide sobre o que se recolhe hoje como mal-estar da civilização, vigente no campo político e social. Os linchamentos, o ódio étnico e a intolerância são manifestações do imperativo de gozo, impulsionado pela pulsão de morte, que podem ser qualificadas como irrupções.

Segundo Laurent, na entrevista publicada no livro *A violência: sintoma social da época*, Lacan dizia que temos que estar atentos às novas formas com as quais uma época vive a pulsão. Mas não somente vive a pulsão no sentido Eros, mas também no sentido Tânatos (2013, p. 41).

Na perspectiva clínica, a cólera, segundo Lacan, se caracteriza pela irrupção do real do gozo que surge quando, numa trama simbólica bem estabelecida, os pinos deixam de entrar em seus furos. "Que quer dizer isso? É quando no nível do Outro, do significante, ou seja, sempre, mais ou menos no nível da fé, da boa-fé, não se joga o jogo" (LACAN, 1962-1963, p. 23).

Para Lacan, a cólera irrompe como uma certa reação, por vezes, violenta, a uma “decepção, ao fracasso de uma correlação esperada entre a ordem simbólica e a resposta do real” (LACAN, 1959-60, p. 127). Sendo assim, para que haja decepção, é preciso que haja crença no Outro, evidenciando uma correlação entre crença e espera (VIEIRA, 2001, p. 215). Então, quanto mais o sujeito estiver firmemente plantado no encadeamento das razões, maior será a possibilidade de que algo inexplicável esteja em ruptura com o universo e mais estará sujeito à cólera.

Segundo Vieira, é preciso esclarecer que nem sempre advém a cólera quando as coisas não funcionam bem. Ela irrompe justamente quando não se consegue atribuir à falha uma razão que a inclua, isto é, no momento da explosão colérica, o sentido aparece obscuro para quem o experimenta (2001, p. 215).

Freud, em “Estudos sobre Histeria” (1893-1895), salienta que todos os afetos intensos restringem a associação – o fluxo de representações. As pessoas ficam “insensatas” com a raiva ou com o pavor. Somente o grupo de representações que provocou o afeto persiste na consciência e o faz com extrema intensidade. Assim, a atividade associativa não consegue apagar o excitamento (p. 209). Nesse ponto, Lacan concorda inteiramente com Freud ao dizer que “o afeto ele se desprende, fica à deriva. Podemos encontrá-lo deslocado, enlouquecido, invertido, metabolizado, mas ele não é recalcado. O que é recalcado são os significantes que o amarram” (1962-63, p. 23). Portanto, essa ruptura da associação livre e a perda de sentido se caracterizam por uma quebra na articulação entre S1 e S2 (Boletim OCI, nº 0, 2019).

Ainda citando Freud, os afetos que são ativos aplacam a excitação aumentada através da descarga motora. Os gritos, o maior tônus muscular da cólera, as palavras raivosas e as ações retaliatórias, tudo isso permite que a excitação se escoie em movimentos. A linguagem comprova esse fato com expressões tais como desabafar pelo pranto, desabafar através de um acesso de cólera, esvair-se em cólera.

Que o afeto seja do corpo, Lacan retoma isso também de Freud. Lacan diz que o corpo é o “lugar do Outro”, é o lugar onde o simbólico toma corpo para ali se incorporar, mas esse lugar tem por propriedade o gozo (2003, p. 405).

“Com efeito, Lacan considera que nenhum afeto e nenhuma paixão, da angústia à cólera, pode ser compreendido sem a relação ao significante” (Boletim OCI, nº 0,

Argumento, 2019), portanto, será só a partir da língua que poderemos distinguir cólera e ódio, cólera e violência, cólera e indignação, enquanto possíveis inscrições de gozo e de subtração de gozo, no qual a manifestação de cada um deles se insere em uma rede particular e não antecipável de sentidos (VIEIRA, 2001, p. 190/191).

Cólera e violência

Até que ponto a cólera pode se diferenciar da violência?

A cólera pode se manifestar como desejo de vingança: desprezo, querela, insulto, blasfêmia; passagem ao ato. Nesse caso, se tomarmos a diferenciação entre 'intenção agressiva' e 'tendência à agressão', presentes no texto de Lacan "Agressividade em psicanálise" (1948), a cólera se situa no registro simbólico da "intenção agressiva", ou seja, supõe um querer dizer, tem a possibilidade de ser interpretada, indicando, assim, a incidência do recalque. Ao contrário, na "tendência agressiva" não há uma articulação significante, a interpretação permanece sem efeito e a pulsão aparece como pura pulsão de morte (LACADÉE, 2018, s/p).

Contudo, a cólera como *disrupção* do real do gozo e necessariamente vinculada ao significante, ao diferenciá-la da violência, nos leva a constatar que a violência pode ser a consequência da cólera, na medida "em que a separação com o Outro pode levar a um curto circuito onde a palavra falta ao discurso" (Boletim OCI, nº 0, 2019).

Para Laurent (2018), o termo *disrupção* é um sinônimo da efração, ou seja, o que constitui o gozo na homeostase do corpo, fundamento da repetição do Um. Nos casos aos quais temos acesso pela análise, seu modo de entrada (do gozo) é sempre a efração, a ruptura, "a *disrupção* em relação a uma ordem preliminar feita da rotina do discurso pelo qual mantêm as significações" (LAURENT, 2018, p. 52).

Cólera e ódio

Se na cólera temos a crença no Outro, o ódio, por sua vez, enquanto uma das três paixões do ser, é estabelecido como rechaço, expulsão do Outro, constituindo o real como o que subsiste fora da simbolização. Com efeito, o ódio, tanto quanto o amor e a ignorância, é uma via na qual o ser pode se ancorar negando o ser do outro, e, entre as três paixões, o ódio é o que se refere ao real de forma mais evidente.

Se o amor aspira ao desenvolvimento do ser do outro, o ódio quer o contrário, seja o seu rebaixamento, seja a sua desorientação, seu desvio, seu delírio, sua negação detalhada, sua subversão (LACAN, 1953-1954, p. 360). O ódio, como a forma mais primitiva de afeto, corresponde ao desejo de morte nutrido pelo sujeito em relação ao rival do amor. "Odeia-se no Outro sua maneira particular de gozar, justamente porque não é a minha maneira, ou porque implica na subtração da minha maneira de gozar" (MILLER, 2016, s/p).

Cólera e indignação

Ao dizermos que o sujeito está indignado, não estamos necessariamente dizendo que ele é violento, tampouco tomado pelo ódio ou pela cólera. Diante daquilo que vacila no simbólico, a indignação é um afeto que surge frente a uma situação que parece injusta, inaceitável, impossível para o sujeito suportar.

Se, por um lado, a indignação abala o núcleo do ser diante do rechaço da singularidade do sujeito, por outro lado, a dignidade irá consistir em um princípio ético orientador de uma psicanálise. Nesse sentido, poderíamos pensar na indignação como um tratamento para a cólera?

Assim, no contexto dos afetos, sabemos que não é possível supor qualquer distinção fenomênica para cada um deles. O ódio, a cólera e a indignação não se manifestam puramente por um ou outro correlativo orgânico ou fisiológico, nem por meio de um sentimento ou outro. O ódio, a cólera e a indignação, como três significantes e como modo de gozo do corpo desvinculado do simbólico quando a palavra vacila, se traduzem em atos nos quais "os seres falantes tentam escrever com seus corpos" (PACHECO, 2019, s/p).

REFERÊNCIAS

CÓLERA. Espanha, 7 min., cor, 2013. Roteiro, produção e direção de Aritz Moreno. Disponível em: <http://www.kinoforum.org.br/curtas/2014/filme/39908/colera>.

BOLETIM OCI: ódio, cólera, indignação. Enapol 2019, nº 0. Disponível em: <https://ix.enapol.org/boletim-oci-0/>. Acesso em jul. 2019.

FREUD, S. (1893-1895). "Estudos sobre histeria". In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1987. vol. II, p. 209.

LACADÉE, P. "A violência no jovem: sintoma ou não?". In: **Almanaque on-line**, nº 20. Revista do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais (IPSM-MG, 2018.

LACAN, J. (1953-1954) "O conceito da análise". In: **O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2009. p. 360.

LACAN, J. (1959-1960) "O objeto e a coisa". In: **O seminário, livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. p. 126.

LACAN, J. (1962-1963) "A angústia na rede dos significantes". In: **O seminário, livro 10: a angústia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. p. 23.

LACAN, J. (1970) "Radiofonia". In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 405.

LAURENT, É. "Disrupção do gozo nas loucuras sob transferência". In: **Opção Lacaniana**. São Paulo: Eolia, 2018, n. 79.

MACHADO, O; DREZENKY, E. (Orgs). "Psicanálise e violência: sobre as manifestações da pulsão de morte". Entrevista com Éric Laurent in: **A violência: sintoma social da época**. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2013. p. 41.

MILLER, J-A. "Racismo e extimidade". In: **Derivas analíticas**. mai. 2016. Nº 4. Disponível em: <http://www.revistaderivasanaliticas.com.br/>.

PACHECO, L. (2018). "Cólera, ódio, indignação: desafios para a psicanálise". Ementa Seção Clínica do Instituto de Psicanálise de Minas Gerais. mar. 2019.

VIEIRA, M. A. "Afetos", In: **A ética da paixão: uma teoria psicanalítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ANDRÉA EULÁLIO

andrea.eulalio@hotmail.com